

LINGUAGEM EM FOCO

Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE

V. 9, N. 3, ano 2017

A ESTRATÉGIA DE POLIDEZ E A PRESERVAÇÃO DA FACE EM *SANTO ANTONIO AOS PEIXES*, O SERMÃO DE PADRE VIEIRA

*Ana Maria da Silva**

*Máisa Cardoso***

*Elena Godoi****

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a estratégia de polidez indireta no texto literário de Padre Antonio Vieira, Sermão de Santo Antonio aos Peixes. Para isso, esta produção se subsidia na teoria linguística pragmática, que busca em Brown e Levinson (1978) ancorar seus conceitos para uma discussão mais concreta acerca da comunicação humana, enquanto acontecimento social e contextualizado, permeado por relações de possibilidades e desejos. Com a análise dos fragmentos do sermão, que traz uma comunicação específica religiosa de 1600, busca-se destacar, por fim, que a retórica de Vieira é fundamentada por uma polidez indireta que o permite proteger-se daqueles que pudessem lhe prejudicar, devido ao contexto da época, que era de exploração, desumanidade para com os nativos.

Palavras-chave: Teoria da polidez; Sermão religioso; Teoria das faces.

ABSTRACT

This work aims to analyze the strategy of indirect politeness in the literary text of Padre Antonio Vieira, Sermon of Saint Anthony to the Pisces. For this, this production is subsidized in pragmatic linguistic theory, which seeks in Brown and Levinson (1978) to anchor its concepts for a more concrete discussion about human communication, as a social and contextualized event, permeated by relations of possibilities and desires. With the analysis of the fragments of the sermon, which brings a specific religious communication of 1600, it is pointed out, finally, that the rhetoric of Vieira is based on an indirect politeness that allows him to protect himself from those who could harm him, due to the Context of the era, which was exploitation, inhumanity to the natives.

Keywords: Politeness theory; Religious sermon; Theory of faces.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR.

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR.

*** Doutora em Linguística pela UNICAMP. Professora do Depto de Línguas Estrangeiras Modernas da UFPR.

INTRODUÇÃO

Este ensaio ancora-se na teoria da polidez de Brown e Levinson (1978) junto à denominada “teoria das faces” do sociólogo Goffman (1967). Em princípio, objetiva-se recuperar as bases que respaldam os fundamentos teóricos e, por meio deles, observar a argumentação presente no discurso de um dos sermões do escritor religioso seiscentista Antonio Vieira. Nesse sentido, uma pergunta introdutória pode ser lançada: por que a escolha de um sermão cabe à ótica das teorias da polidez e das faces?

Um sermão é um discurso oral proferido por um membro do clero sobre temas bíblicos, teológicos, religiosos ou morais, normalmente sustentando uma crença, lei ou comportamento humano, num contexto presente ou pretérito. Em especial, o sermão de Santo Antonio aos peixes foi escrito antes de ser levado à igreja e, assim como todos os outros sermões de Padre Antonio Vieira, acabou sendo posteriormente compilado em livro, devido ao seu valor literário. Em junho de 1654, ele foi proferido aos fiéis em São Luís do Maranhão com o objetivo de criticar a prepotência dos colonizadores que se mantinham da exploração dos índios. Por se tratar de um momento de comunicação em um contexto muito específico, a fala deste sermão interessa à pragmática. De acordo com Dubois (2014),

o aspecto pragmático da linguagem concerne às características de sua utilização (motivações psicológicas dos falantes, reação dos interlocutores, tipos socializados da fala, objeto da fala, etc.) por oposição ao aspecto sintático (propriedades formais das construções linguísticas) e semântico (relação entre as unidades linguísticas e o mundo).

O que se torna interessante é que o público ao qual o texto foi pregado, na igreja, era justamente a quem a crítica se dirigia e, por isso, as estratégias de polidez tornam-se bastante evidentes.

1 A TEORIA DA POLIDEZ

O que é polidez? Godoi (2008) afirma que existem pelo menos duas noções de polidez: a “polidez 1” substantivo que significa a etiqueta ou educação, sendo este um conceito tradicional; a “polidez 2”, que é “um construto teórico e constitui a base da Teoria da Polidez” (p.57).

A autora expressa ainda que

polidez 2” parte da ideia de que todo encontro social supõe um risco de mal-entendido, de conflito, de ofensa. Assim, o conceito da “polidez 2” refere-se ao comportamento que desencadeia o funcionamento de uma espécie de dispositivo compensatório para que a comunicação ocorra da maneira mais fluída possível, evitando os mal-entendidos e a perda da imagem pública, que é vulnerável, tanto por parte do falante como do ouvinte. **A polidez verbal é entendida, então, como o comportamento linguístico apropriado, que leva em conta as variáveis socioculturais da interação e faz com que a intenção do falante seja comunicada de forma eficaz.** Desse modo, a polidez seria o quadro da dimensão interpessoal dos discursos. (p.57 – grifo nosso)

Essa polidez destacada na citação anterior, de acordo com Brown e Levinson (1987) depende de três fatores: o poder relativo de um interlocutor sobre o outro; a distância social ou grau de familiaridade existente entre os interlocutores; o grau de imposição de um ato comunicativo. A preservação das faces, portanto, ocorre por meio de estratégias de polidez, que se entendem por planejamento e execução de atos linguísticos, ou seja, estabelecer uma estratégia de polidez é elaborar a melhor maneira de alcançar um objetivo.

Dessa forma, para haver um equilíbrio na interação face a face os interlocutores podem recorrer à polidez positiva negativa e indireta. A primeira, polidez positiva, ocorre quando o ato de fala permite entender que há comunhão de ideias entre os interlocutores, que podem ser manifestadas por meio de atenção manifestada, simpatia, aprovação, entendimento, jamais havendo discordância.

Brown e Levinson (1978) elencam algumas estratégias de polidez positiva:

- Manifeste atenção ao interlocutor
- Exagere na aprovação e simpatia pelo interlocutor
- Manifeste interesse pelo interlocutor
- Mostre que você entende o que ele diz
- Evite discordância
- Dê ou peça razões, justifique -se

A segunda, polidez negativa, se dá pelo não comprometimento, pelo ato de fala que evita imposições ao interlocutor.

- Seja convencionalmente indireto
- Seja evasivo, não se comprometa
- Seja pessimista
- Mostre deferência
- Peça desculpas
- Impessoalize locutor e interlocutor para indicar que o locutor não quer impingir algo ao interlocutor
- Ofereça compensações

Por último, mais interessante ao objetivo deste ensaio, tem-se a polidez indireta (*off record*) que ocorre em ato comunicativo indireto, ou seja, o locutor não fecha seu enunciado em uma interpretação. Ao contrário disso: é vago, ambíguo, irônico, indireto, usa metáforas, contraditório, etc. Para essa polidez, os autores indicam:

- Forneça pistas e sugestões indiretas
- Pressuponha
- Minimizar a expressão, não diga tudo

- Exagere sua expressão (hipérbole)
- Recorra à tautologia
- Recorra a contradições
- Seja irônico
- Use metáforas
- Use perguntas retóricas
- Seja ambíguo
- Seja vago
- Generalize

2 A TEORIA DAS FACES E O SERMÃO

“Face” refere-se à autoimagem social que é construída pelo discurso, podendo revelar-se a positiva ou a negativa. A face positiva, segundo Goffman, é aquela que todos veem ou a que é apresentada aos outros, já a negativa constitui como aquela que se constrói na intimidade e que expressa o desejo pessoal. Isso significa que pessoas públicas, como os clérigos, vivem em constantes situações em que os jogos de interações exigem a face positiva, já que eles não podem dizer diretamente ao seu público o que pensam sobre o comportamento deles. Pelo contrário: devem convencer o seu rebanho de que o comportamento do outro pode ser seguido ou não. Por isso, as comparações e metáforas trazem o sentido ideal para a manutenção da face positiva, já que a desaprovação de um comportamento de maneira explícita traria à tona a face negativa de um interlocutor.

Para ilustrar uma situação como essa, analisemos um fragmento do Sermão de Santo Antonio aos Peixes.

Enfim, que havemos de pregar hoje aos peixes? Nunca pior auditório. Ao menos têm os peixes duas boas qualidades de ouvintes: ouvem e não falam. Uma só cousa pudera desconsolar ao pregador, que é serem gente os peixes que se não há-de converter. Mas esta dor é tão ordinária, que já pelo costume quase se não sente. Por esta causa não falarei hoje em Céu nem Inferno; e assim será menos triste este sermão, do que os meus parecem aos homens, pelos encaminhar sempre à lembrança destes dois fins.

É interessante que Padre Antonio Vieira se propõe a falar com os peixes, mas, de fato, quem o escutava era o ser humano, justamente um público específico que não o ouvia, no sentido de seguir os seus ensinamentos religiosos. Assim, fica a dúvida: ou os peixes são a metáfora desse povo, que se caracteriza por ser o pior auditório, ou realmente fala para os peixes já que são mais significantes que os homens. O fato é que essa possibilidade de sentido revela a polidez indireta (*off record*), ou seja, representa uma comunicação indireta, já que o locutor deixa uma saída para interpretações diversas e defensáveis, evitando responsabilidades. Além da ambiguidade e da

metáfora, são marcas da estratégia de polidez indireta as generalizações, as contradições, as ironias, as perguntas retóricas, as vaguezas, as tautologias, as pressuposições, as sugestões e as hipérboles. O exemplo a seguir traz essa vagueza em relação a metáfora e personificação utilizada.

Muito louvor mereceis, peixes, por este respeito e devoção que tivestes aos pregadores da palavra de Deus, e tanto mais quanto não foi só esta a vez em que assim o fizestes. Ia Jonas, pregador do mesmo Deus, embarcado em um navio, quando se levantou aquela grande tempestade; e como o trataram os homens, como o trataram os peixes? Os homens lançaram-no ao mar a ser comido dos peixes, e o peixe que o comeu, levou-o às praias de Nínive, para que lá pregasse e salvasse aqueles homens. É possível que os peixes ajudam à salvação dos homens, e os homens lançam ao mar os ministros da salvação?! Vede, peixes, e não vos venha vanglória, quanto melhores sois que os homens. Os homens tiveram entranhas para deitar Jonas ao mar, e o peixe recolheu nas entranhas a Jonas, para o levar vivo à terra.

Há a exaltação do interlocutor alegórico (peixe) e a diminuição do caráter do homem que é o seu ouvinte real. Caso o sermão fosse apenas escrito, a interação se transformaria, mas o contexto de oralidade traz um caráter de interação social diferente, que pode sofrer até dois tipos de pressões: i) as comunicativas, que garantem o efeito de entendimento, e ii) as rituais, que garantem a preservação da face dos envolvidos na comunicação.

Como o sermão é um gênero conversacional, o locutor estabelece, por estilo, o vocativo. Nesse caso, pode ser uma ou mais pessoas, com as quais se conversa, mesmo que não se obtenha resposta audível. No caso do sermão de Santo Antonio aos Peixes, tem-se por vocativo Deus, peixes, e os cristãos ali ouvintes, que são referidos no texto pelos pronomes vos e vossa.

“Os arrogantes e soberbos tomam-se com Deus; e quem se toma com Deus, sempre fica debaixo. Assim que, **amigos roncadores**, o verdadeiro conselho é calar e imitar a Santo Antônio. Duas cousas há nos homens, que os costumam fazer roncadores, porque ambas incham: o saber e o poder. Caifás roncava de saber: Vos nescitis quidquam . Pilatos roncava de poder: Nescis quia potestatem habeo? E ambos contra Cristo. Mas o fiel servo de Cristo, Antônio, tendo tanto saber, como já **vos** disse, e tanto poder, como **vós** mesmos experimentastes, ninguém houve jamais que o ouvisse falar em saber ou poder, quanto mais blasonar disso. E porque tanto calou, por isso deu tamanho brado.”

As partes destacadas em negrito são i) vocativo referindo-se aos peixes (roncadores); ii) o auditório. O chamamento, ou o uso do vocativo, é um comportamento linguístico que expressa bastante a ideia de polidez direta, em que se pretende chamar para si o interlocutor, para eu ele preste atenção na retórica. Assim, o uso exacerbado indica também uma estratégia para convencimento.

Já a ironia pode ser observada em alguns fragmentos do sermão, quando o Padre, envolvido com o público e, talvez, falando a eles, protege-se com afirmações, como:

Pois a quem vos quer tirar as cegueiras, a quem vos quer livrar dos demônios perseguis vós?! Só uma diferença havia entre Santo Antônio e aquele peixe: que o peixe abriu a boca contra quem se lavava, e Santo Antônio abria a sua contra os que se não queriam lavar. Ah moradores do Maranhão, quanto eu vos pudera agora dizer neste caso! Abri, abri estas entranhas; vede, vede este coração. **Mas ah sim, que me não lembrava! Eu não vos prego a vós, prego aos peixes.** (Grifo nosso)

Esse fragmento corrobora a ideia de que Padre Antonio Vieira buscou ora trazer à tona um problema daquele contexto, para livrar-se pela ironia da responsabilidade do julgamento dos fiéis que ali estavam. Nesse sentido, caracteriza-se a polidez indireta e ocorre concomitantemente a preservação da face negativa. Durante o sermão, sua retórica em prol dos indígenas e contra a exploração violenta argumenta para a percepção do erro cristão. Para isso, os interlocutores são chamados a entender que os peixes dos quais se falava, na verdade, tinham características humanas. O excerto a seguir mostra bem como isso se constrói ao longo do sermão, em uma comparação com o peixe polvo:

Mas já que estamos nas covas do mar, antes que saíamos delas, temos lá o irmão polvo, contra o qual têm suas queixas, e grandes, não menos que S. Basílio e Santo Ambrósio. O polvo com aquele seu capelo na cabeça, parece um monge; com aqueles seus raios estendidos, parece uma estrela; com aquele não ter osso nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E debaixo desta aparência tão modesta, **ou desta hipocrisia tão santa**, testemunham constantemente os dois grandes Doutores da Igreja latina e grega, que o dito polvo é o maior traidor do mar. (Grifo nosso)

Observa-se, neste fragmento, a intenção de desmontar uma imagem positiva do peixe e trazer à tona uma imagem negativa, mas, ao mesmo tempo, adotando uma orientação defensiva para preservar a própria face, com a ironia, destacada em negrito. Surgem então os procedimentos de *facework* necessários para neutralizar as ameaças à face e constituem estratégias discursivas a fim de envolver, seduzir, comover, convencer e, finalmente, influenciar as decisões dos interlocutores. No fragmento a seguir, Vieira faz uma atenuação em seu discurso, colocando em risco sua face positiva, mas com estratégia de preservá-la. A exposição é justamente para manter sua retórica em segurança. Observe:

O mesmo fazem estes pegadores, tão seguros ao perto como aqueles ao longe; porque o peixe grande não pode dobrar a cabeça, nem voltar a boca sobre os que traz às costas, e assim lhes sustenta o peso e mais a fome. Este modo de vida, mais astuto que generoso, se acaso se passou e pegou de um elemento a outro, sem dúvida que o aprenderam os peixes do alto, depois que os nossos Portugueses o navegaram; porque não parte vice-rei ou governador para as Conquistas, que não vá rodeado de pegadores, os quais se arrimam a eles, para que cá lhes matem a fome, de que lá não tinham remédio. Os menos ignorantes, desenganados da experiência, despegam-se e buscam a vida por outra via; mas os que se deixam estar pegados à mercê e fortuna dos maiores, vem-lhes a suceder no fim o que aos pegadores do mar.

Todo ato de enunciação pode constituir ameaça para uma ou várias dessas faces: dar uma ordem desvaloriza a face positiva do interlocutor, valorizando a face positiva do locutor; dirigir uma pergunta pessoal a quem mal se conhece ameaça a face negativa do destinatário (é uma invasão

ao seu “território”), mas também a face positiva do locutor (que pode ser visto como uma pessoa indiscreta). Assim, podem-se distinguir: atos que ameaçam a face positiva do locutor, como no exemplo anterior.

Também há atos que representam auto-humilhação, como o reconhecimento da própria fraqueza, da incompetência, das limitações pessoais (o que envolve pedido de desculpas, a admissão de um erro) etc. Exemplo:

Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma cousa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal!

Neste, que é o primeiro momento do sermão, o Padre coloca em dúvida o seu próprio poder de arguição, a validade de sua palavra, exemplos, gestos. Questiona a postura de seus colegas que foram corrompidos pelo seu próprio rebanho. Além desse ato de reconhecimento de falhas, também existem os que ameaçam a face negativa do locutor: a promessa, por exemplo, compromete o sujeito a realizar atos que exigirão dele o cumprimento da palavra empenhada, atos de avaliação de competências alheias, julgamentos, aplicação de feedback, agradecimentos, aceitação de favor, etc. Um exemplo desse tipo de ato no sermão é:

Se a Igreja quer que preguemos de Santo Antônio sobre o Evangelho, dê-nos outro. Vos estis sal terrae: É muito bom texto para os outros santos doutores; mas para Santo Antônio vem-lhe muito curto. Os outros santos doutores da Igreja foram sal da terra; Santo Antônio foi sal da terra e foi sal do mar. Este é o assunto que eu tinha para tomar hoje. Mas há muitos dias que tenho metido no pensamento que, nas festas dos santos, é melhor pregar como eles, que pregar deles. Quanto mais que o são da minha doutrina, qualquer que ele seja tem tido nesta terra uma fortuna tão parecida à de Santo Antônio em Arimino, que é força segui-la em tudo. Muitas vezes vos tenho pregado nesta igreja, e noutras, de manhã e de tarde, de dia e de noite, sempre com doutrina muito clara, muito sólida, muito verdadeira, e a que mais necessária e importante é a esta terra para emenda e reforma dos vícios que a corrompem. O fruto que tenho colhido desta doutrina, e se a terra tem tomado o sal, ou se tem tomado dele, vós o sabeis e eu por vós o sinto.

Ademais a estes atos, há aqueles que ameaçam a face positiva do interlocutor: receber crítica, insulto, desaprovação e atos que ameaçam a face negativa do interlocutor : atos que ameaçam a liberdade de ação do interlocutor, perguntas diretas sem demonstrar cortesia, perguntas indiscretas, conselhos não solicitados, ordens, cobrança de favorecimento anterior, etc. Contudo, há atos

que ameaçam as quatro faces dos interagentes: insultar o outro, ameaçá-lo, humilhá-lo, são atos ameaçadores à face negativa e positiva do interlocutor, mas também são atos ameaçadores à face positiva do locutor. No sermão não há nenhum momento em que se explicita diretamente ao público ofensas, uma vez que as críticas são feitas pela metáfora aos peixes:

Isto suposto, quero hoje, à imitação de Santo Antônio, voltar-me da terra ao mar, e já que os homens se não aproveitam, pregar aos peixes. O mar está tão perto que bem me ouvirão. Os demais podem deixar o sermão, pois não é para eles. Maria, quer dizer, Domina maris: «Senhora do mar»; e posto que o assunto seja tão desusado, espero que me não falte com a costumada graça.

CONCLUSÃO

É compreensível que os diferentes contextos de produção da linguagem – sendo ela falada ou escrita, em que há comunicação – exijam condutas diferentes dos interlocutores envolvidos no processo. Nesse jogo de interlocução, a preservação da imagem, por meio do dito, é relevante à medida que as relações humanas precisam ser construídas. Desse modo, a necessidade de preservação das faces em qualquer contexto em que se queira evitar o conflito ocorre e é manifestada por meio de estratégias de polidez. Portanto, esse equilíbrio pode ocorrer ou não. Quando ocorre, há um bem-estar social, mas caso contrário, pode gerar o desconforto.

Por fim, a análise apresentada neste trabalho corrobora esta ideia: não importa o poder social, mas como você age linguisticamente mediante seus ouvintes, que com você interagem, mesmo silenciosamente. Padre Antonio Vieira, também conhecido como o imperador da Língua Portuguesa, soube afetar, mas também preservar sua face. A história do Brasil indica que a retórica e seus estudos chegam ao território brasileiro, como ferramenta de catequização, nesse contexto barroco, permeado por conflitos, que a literatura dá conta de explicar com propriedade. O fato, no entanto, é que Padre Antonio Vieira materializa em seus textos uma parcela exemplificadora significativa sobre como o processo ocorreu.

REFERÊNCIAS

BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness**: some universals in language use. Cambridge, Cambridge University Press, 1978.

DUBOIS, J. (et al) **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2014.

GODOI, E. O que as ciências da linguagem podem dizer para os estudos em comunicação organizacional? **Revista Organicom**, 2008. Disponível em: <<http://revistaorganicom.org.br/sistema/index.php/organicom/article/viewFile/162/262>>

GOFFMAN, E. **Interactin Ritual**. New York: Harp e Ruw, 1967.

VERDASCA, J. **Sermões Escolhidos**: Padre Antonio Vieira. São Paulo: Martin Claret, 2011.